

MEDIDAS DE PREVENÇÃO PARA DST/AIDS RELATADAS POR CAMINHONEIROS DO NORTE DO PARANÁ

Vanessa Galdino Araújo*

Erlen Cristina Botelho**

Diego Montanhei***

Janete Iane Amadei****

RESUMO: Estudo transversal, realizado com 100 caminhoneiros, residentes ou de passagem por Maringá, abordados em locais utilizados como ponto de parada pelos caminhoneiros. Entre os indivíduos entrevistados prevaleceu o sexo masculino (99%), com idade entre 31 a 40 anos (43%) e situação conjugal casado/amigado (69%), com renda familiar de 3 a 5 salários mínimos (67%); 60% seguidores da religião católica e 47% da raça branca; 54% natural da Região Sul, com escolaridade 1º grau incompleto (55%), com tempo de profissão de 1 a 10 anos (61%). Quanto ao contato sexual com prostitutas, 77% relataram nunca contactar este tipo de parceira, 38% relataram permanecer 8 a 15 dias fora de casa. No número de companheiros observou-se a prevalência de um parceiro (72%); 80% indicaram não usar drogas, como: maconha ou “rebite”; entre os entrevistados, um indicou ter compartilhado seringas e agulhas, 98% “nunca” usam preservativos com outros parceiros. As medidas que apresentaram significância estatística foram: situação conjugal com número de parceiros; contato sexual com parceira fixa; uso de preservativos com parceira fixa; raça; com contato sexual com parceira fixa; doação de sangue com naturalidade; uso de droga nos últimos 12 meses; um apresentou DST e procurou banco de sangue nos últimos 12 meses para realizar testagem e tipo de parceira sexual e uso de preservativo.

PALAVRAS-CHAVE: Síndrome da imunodeficiência adquirida; Prevenção de Doenças; Saúde do trabalhador.

STD/AIDS PROPHYLACTIC MEASURES IN TRUCK DRIVERS IN THE NORTHERN REGION OF THE STATE OF PARANÁ, BRAZIL

ABSTRACT: Current analysis was undertaken with 100 truck drivers, either resident in or passing through Maringá PR Brazil, who were interviewed on their places of rest. Interviewed drivers were predominantly males (99%), within the 31 – 40 years age bracket (43%), married (69%), family income between 3 and 5 minimum wages (67%), Catholics (60%), white (47%), hailing from the southern region of Brazil (54%), incomplete primary schooling (55%), professionals between 1 and 10 years (61%). When questioned on venues with prostitutes, 77% said that they never had any contact with such partners and 38% reported staying away from their homes between 8 and 15 days. The prevalence of a single partner was reported by 72%, while 80% did not use illicit drugs such as hemp. Only one admitted sharing syringe and needles, whereas 98% never used condoms in sexual intercourse with other partners. Data statistically significant were: married with a certain number of partners; sexual intercourse with a fixed partner; use of condom with fixed partner; race; sexual intercourse with fixed partner; blood donor; drug user during the last 12 months; one driver had STD and sought a blood bank for testing; type of sexual partner; use of condom.

KEYWORDS: AIDS; Disease prevention; Health of workers.

*Discente do Curso de Farmácia. Departamento de Farmácia do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR, Maringá – Paraná. Programa de Iniciação Científica do Cesumar (PICC). E-mail: Van_galdinoaraujo@hotmail.com

**Discente do Curso de Farmácia. Departamento de Farmácia do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR, Maringá – Paraná. Programa de Iniciação Científica do Cesumar (PICC). E-mail: Ellen_Krys@hotmail.com

***Discente do Curso de Farmácia. Departamento de Farmácia do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR, Maringá – Paraná. Programa de Iniciação Científica do Cesumar (PICC). E-mail: diegomontanhei@hotmail.com

****Orientadora e docente do Curso de Farmácia do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR, Maringá – Paraná. E-mail: janete@cesumar.br.

INTRODUÇÃO

A identificação da síndrome da imunodeficiência adquirida (SIDA), conhecida como Aids, é um fenômeno global, que atinge o mundo inteiro, cuja forma de ocorrência depende, entre outros determinantes, do comportamento humano individual e coletivo (BRITO; CASTILHO; SZWARCOWALD, 2000).

A epidemia desta doença vem tomando dimensões cada vez mais preocupantes, devido a sua alta incidência e prevalência e também por suas consequências, como complicações psicossociais e econômicas, levando os profissionais da saúde e todos os segmentos da sociedade a buscar formas de intervir nesse processo (NASCIMENTO; BUENO; LOPES, 2001).

No entanto, não é somente a AIDS que possui alta incidência e prevalência; as doenças sexualmente transmissíveis (DST) também possuem dimensões preocupantes, visto que são importantes causas de doença aguda, infertilidade, incapacidade e morte. Estima-se que ocorram, anualmente, cerca de 340 milhões de casos novos de DST em todo o mundo, sendo de 10 a 12 milhões no Brasil (TELES et al., 2008).

A epidemia do HIV/Aids, no Brasil, nesses 20 anos, mostra uma dinâmica multiepidêmica (BRASIL, 2002). No ano de 2000 o Brasil contabilizava 31 mil casos/ano; em 2009, 38 mil casos/ano (BRASIL, 2010).

Devido a sua grandeza e extensão dos danos causados às populações, demonstram a necessidade de estratégias para sensibilizar e conscientizar a população da importância do sexo seguro (NASCIMENTO; BUENO; LOPES, 2001).

Na atualidade, o Brasil possui uma frota de

aproximadamente 1,8 milhão de caminhões e mais de 700.000 caminhoneiros, composta quase que exclusivamente por homens, que viajam, em média, 175.000 km por ano (TELES et al., 2008),

Em termos de vulnerabilidade para o HIV é possível dizer que a configuração cultural e social na qual os caminhoneiros estão inseridos favorece a exposição destes, assim como a dificuldade de acesso e/ou acompanhamento médico de grande parte dessa população aos serviços de saúde, devido ao seu constante deslocamento (VILLA-REAL; SANTOS, apud FERRAZ; SOUZA, C.; SOUZA, L., 2005).

Os caminhoneiros pertencem a um grupo populacional vulnerável ao contágio de DST/AIDS, devido ao grande período em que passam longe de seus lares e pela facilidade de exposição, constituindo um dos principais fatores que tem contribuído para o aumento de doenças sexualmente transmissíveis (DST) e Aids (ROCHA; BATISTA; PERSCH, 2008). O período em que ficam fora do domicílio faz com que esses trabalhadores, durante a viagem, participem de relações sexuais sem proteção, levando a um contágio e disseminação da DST/Aids (GIBNEY, apud DUARTE, 2008).

Estudos apontam que motoristas de caminhão apresentam problemas relacionados às condições de saúde, devido ao trabalho e estilo de vida, além de grande vulnerabilidade a práticas de risco, pelo uso de drogas e por apresentarem parceiras sexuais eventuais, sem uso do preservativo. (MASSON; MONTEIRO, 2010)

De acordo com Nascimento (2003), os caminhoneiros de estrada têm se revelado ser uma categoria excluída dos serviços de saúde pela característica

de sua profissão de ter longas jornadas de trabalho e muitos dias nas estradas.

Outro fator que contribui para a disseminação da Aids é o nível de escolaridade, pois quanto menor a escolaridade menor são os níveis de informação sobre DST, suas formas de contágio e prevenção, e maiores as dificuldades de acesso aos serviços de saúde, visto que eles acabam não tendo tempo para procurar um serviço de saúde devido seus constantes deslocamentos.

Nos estudos com caminhoneiros é demonstrado que eles classificam dois tipos de parceiras eventuais, as “frequentemente” e as “casuais”; sendo que a frequência do uso de camisinha é maior com as parceiras “casuais” que com as “frequentemente”, e a proporção de uso da camisinha com as parceiras estáveis/esposas é muito mais baixa ainda (VILARINHO et al., apud PAIVA et al., 2003).

Este estudo se justifica pela escassez de informações sobre DST/Aids nesse grupo populacional, cujos resultados podem fornecer subsídio para a investigação de características importantes que possam levar a uma melhor reflexão e conhecimento sobre este grupo de trabalhadores.

2 METODOLOGIA

Este estudo transversal foi realizado com 100 caminhoneiros, residentes ou de passagem por Maringá, abordados em dois locais do município utilizados como ponto de parada pelos caminhoneiros localizados na zona norte e na zona sul do município na cidade de Maringá, nos meses de junho e julho de 2010, após treinamento da equipe de entrevistadores.

A participação deles foi caracterizada mediante preenchimento e assinatura do TCLE. Foi utilizado questionário estruturado contendo questões fechadas

para coletar informações sobre a vida sexual dos caminhoneiros, como: características dos entrevistados, comportamento sexual com parcerias fixas, eventuais e comerciais, doenças sexualmente transmissíveis, atitudes sobre a DST/AIDS, informações sobre uso de preservativos e sexualidade.

Os resultados foram categorizados e apresentados como medidas de frequência e analisados por meio de testes de estatística descritiva utilizando o programa estatístico Epi Info versão 3.5.1.

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Superior de Ensino de Maringá (CEP – CESUMAR), conforme certificado nº 228ª/2010.

3 RESULTADOS

As características demográficas e socioeconômicas dos indivíduos entrevistados estão apresentadas na tabela 1. A população prevalente era do sexo masculino (99%), com idade entre 31 a 40 anos (43%) e situação conjugal casado/amigado (69%), com renda familiar de 3 a 5 salários mínimos (67%); 60% seguidores da religião católica e 47%, da raça branca; 54% natural da Região Sul, com escolaridade 1º grau incompleto (55%), com tempo de profissão de 1 a 10 anos (61%).

Tabela 1 Características demográficas e socioeconômicas dos sujeitos.

Característica	Frequência absoluta (N)	Porcentagem (%)
Total de entrevistados	100	100
Sexo		
Masculino	99	99,00
Feminino	1	1,00
Faixa etária (anos)		
20 a 30	23	23,00
31 a 40	43	43,00
41 a 50	22	22,00
51 a 59	9	9,00
60 e mais	3	3,00
Situação conjugal		
Casado/amigado	69	69,00
Separado	16	16,00
Solteiro	14	14,00
Viúvo	1	1,00
Renda familiar (SM)		
< 3	21	21,00
3 a 5	67	67,00
5 a 7	8	8,00
> 10	4	4,00
Religião		
Católica	60	60,00
Evangélica	29	29,00
Outra	1	1,00
Nenhuma	10	10,00
Raça		
Branca	47	47,00
Negra	25	25,00
Parda	24	24,00
Amarela	3	3,00
Indígena	1	1,00
Naturalidade (região)		
Sudeste	19	19,00
Sul	54	54,00
Centro-oeste	11	11,00
Nordeste	4	4,00
Norte	12	12,00
Escolaridade		
1º grau incompleto	55	55,00
1º grau completo	22	22,00
2º grau incompleto	12	12,00
2º grau completo	9	9,00
Sup. incompleto	1	1,00
Sup. completo	1	1,00
Tempo de profissão (anos)		
1 a 10	61	61,00
11 a 20	22	22,00
21 a 30	11	11,00
31 a 40	6	6,00

O comportamento sexual dos caminhoneiros (tabela 2) caracteriza-se por permanência fora de casa de 8 a 15 dias (38%), seguido de 16 a 30 dias (34%). Sobre o parceiro sexual fixo, relatam ter “sempre” (53%) ou “ocasional” (28%). No número de companheiros observou-se a prevalência de um parceiro (72%), seguido de três parceiros (15%). Considerando que 99% dos entrevistados são homens, 97% indicaram contato sexual com mulheres, sendo que 1% faz sexo com homem, 1% faz com travesti/ transexual e 1% não informou. O contato sexual com prostitutas foi indicado por 19% dos entrevistados, sendo que 77% relataram nunca contactar este tipo de parceira. O tipo de relação vaginal foi indicado pela maioria dos entrevistados (82%), seguido da vaginal/oral por 15%.

Tabela 2 Comportamento sexual dos sujeitos.

Comportamento	Frequência absoluta (N)	Porcentagem (%)
Período fora de casa (dias)		
Até 7	19	19,00
8 a 15	38	38,00
16 a 30	34	34,00
31 e mais	9	9,00
Parceria sexual fixa		
Sempre	53	53,00
Ocasional	28	28,00
Nunca	19	19,00
Número de parceiros		
Um	72	72,00
Dois	9	9,00
Três	15	15,00
Quatro	4	4,00
Tipo de parceiros sexuais		
Homem	1	1,00
Mulher	97	97,00
Travesti/transexual	1	1,00
Não informado	1	1,00
Contato sexual com prostitutas		
Sempre	19	19,00
Ocasional	4	4,00
Nunca	77	77,00

Tipo de relação		
Só vaginal	82	97,60
Só oral	1	1,20
Vaginal e oral	15	17,90
Vaginal e anal	1	1,20
Todos	3	3,60
Não informado	17	20,20

Fonte: Dados da pesquisa

Na análise sobre outros comportamentos de risco (tabela 3), 80% indicaram não usar drogas. Dos 20% que indicaram o uso, 10% relataram uso de “rebite” e 4% usam maconha. Entre os entrevistados, um indicou ter compartilhado seringas e agulhas.

Tabela 3 Outros comportamentos de risco.

	Frequência absoluta (N)	Porcentagem (%)
Usou drogas		
Sim	20	20,00
Não	80	80,00
Tipo de droga		
Rebite	10	10,00
Maconha	4	4,00
Não informado	86	86,00
Compartilhou seringas e agulhas		
Sim	1	1,00
Não	98	98,00
Não lembra	1	1,00

Fonte: Dados da pesquisa

O uso de preservativos (tabela 4) é diferenciado segundo o tipo de parceira e prática; com parceiras fixas foi relatado como “sempre” por 5 entrevistados (5%) e uso ocasional em 19%. O não uso (“nunca”) foi referido por 76% na relação com parceiro fixo, 98% com outros parceiros e 72% com prostitutas.

Tabela 4 Dados de prevenção relacionados ao uso de preservativo.

Uso de preservativo	Frequência absoluta (N)	Porcentagem (%)
Com parceiro fixo		
Sempre	5	5,00
Ocasional	19	19,00
Nunca	76	76,00
Com outros parceiros		
Sempre	2	2,00
Nunca	98	98,00
Com prostitutas		
Sempre	23	23,00
Ocasional	5	5,00
Nunca	72	72,00

Fonte: Dados da pesquisa

A tabela 5 demonstra a ocorrência de DST e status de doador de sangue, observando-se que 99% não apresentaram DST, 73% não são doadores de sangue e 78% não procuram o banco de sangue de forma espontânea.

Tabela 5 Ocorrência de DST e status de doador de sangue.

Informação	Frequência absoluta (N)	Porcentagem (%)
Apresentou DST		
Sim	1	1,00
Não	99	99,00
Doa sangue		
Sim	27	27,00
Não	73	73,00
Procura espontânea pelo banco de sangue		
Sim	22	22,00
Não	78	78,00

Fonte: Dados da pesquisa

A análise das medidas de associação caracterizou que idade, renda familiar, religião, escolaridade e tempo de profissão não influenciaram nos comportamentos, na prevenção e ocorrência de DST e na condição de doador de sangue. As medidas que apresentaram significância estatística foram: situação conjugal

com número de parceiros; contato sexual com parceira fixa; uso de preservativos com parceira fixa; raça; com contato sexual com parceira fixa; doação de sangue com naturalidade; uso de droga nos últimos 12 meses. Um apresentou DST e procurou banco de sangue nos últimos 12 meses para realizar testagem e tipo de parceira sexual e uso de preservativo.

A correlação envolvendo situação conjugal (tabela 6) com resultados significativos ($p < 0,01$) prevalece para casado/amigado com um parceiro (61%), com contato sexual "fixo" e sempre (43%); são mulheres (68%) e o não uso de preservativos ocorre com 57% dos entrevistados.

Outra correlação que apresentou significância foi a raça com contato sexual com parceira fixa (tabela 7) relatado como "sempre" em 31% da raça branca e 16% de pardas; e "ocasionalmente" com 13% de negras.

A correlação de doação de sangue (tabela 8) apresentou significância ($p < 0,01$) prevalecendo os não doadores. Destes, 44% são naturais da região sul; 59% não usaram drogas nos últimos 12 meses; 72% referem não apresentar DST; 65% não procurou banco de sangue só para testar nos últimos 12 meses.

A correlação do uso de preservativos (tabela 9) apresentou significância ($p < 0,001$) com relatos de nunca usar preservativos com parceira fixa "sempre" por 45% dos entrevistados e uso ocasional com parceira "ocasional" por 14%. No contato sexual com prostitutas "sempre" 18% referem uso de preservativo e 72% referem "nunca" usar com estas parceiras.

4 DISCUSSÃO

Os dados sociodemográficos obtidos no presente trabalho não diferiram de outros estudos. A maioria dos caminhoneiros pertence ao sexo masculino, são

casados, possuem baixa escolaridade e conhecem os meios de prevenção para não contrair o HIV, porém o uso do preservativo durante as relações sexuais não é comum (BRASIL, apud NASCIMENTO, 2003).

A baixa escolaridade, juntamente com a grande mobilidade geográfica dos caminhoneiros, pode servir como disseminadores de doenças infecciosas, principalmente aquelas transmitidas sexualmente, visto que a baixa escolaridade é proporcional ao nível de conhecimentos sobre prevenção de DST/AIDS (TELES et al., 2008).

No presente estudo, assim como em outros, o período em que os caminhoneiros passam fora de casa, principalmente aqueles que permanecem por mais de 15 dias, favorece a procura por parceiras sexuais ocasionais, incluindo prostitutas (TELES et al., 2008).

Em relação às práticas sexuais, a maioria indica manter apenas relação vaginal, seguido de relação vaginal e oral, sendo que a prática oral não é percebida como tão arriscada para contrair Aids. Apesar de alguns perceberem num cenário em que estão sujeitos à infecção, não se conscientizam do autocuidado, mostrando que se perceber em risco não significa prevenir-se (VILLARINHO et al., 2002).

O uso de "rebite" (mistura de álcool, cafeína, anfetaminas) é uma prática comum entre os caminhoneiros, para se manterem em estado de alerta e suportarem as noites de sono perdidas, por pressão de prazos para a entrega de mercadorias (MASSON; MONTEIRO, 2010).

Os homens que usaram álcool ou drogas na última relação sexual e cujos parceiros não queriam usar preservativos e as mulheres que relataram dificuldades para obter dos seus parceiros o uso do preservativo ou que o preservativo diminui o prazer sexual eram menos propensos a utilizá-los (WEINSTOCK et al., 1993).

Em relação às práticas sexuais dos caminhoneiros, 23 dos entrevistados referiram sair com parcei-

ras eventuais. A maioria mostrou-se consciente da importância do uso do preservativo nas relações sexuais eventuais; entretanto, 1 dos motoristas referiram fazer uso do mesmo ocasionalmente nas relações casuais, e não encontraram dificuldades no uso do preservativo (MASSON; MONTEIRO, 2010).

Fatores de risco adicionais para HIV foram o não uso de preservativos, não circuncisão e história de não apresentar DST (BOTROS et al., 2009).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Grande parte dos caminhoneiros relata que mantém relações sexuais com mais de uma pessoa. Eles justificam esta prática pelas condições de trabalho e pela cultura da profissão: muitos dias longe de casa; espera em portos; espera para descarregar e/ou carregar o caminhão. Estas situações fazem com que fiquem ociosos, facilitando as práticas de sexo e assédio de garotas (os) de programa. Estes hábitos sexuais os tornam vulneráveis para contrair doenças sexualmente transmissíveis e contaminar outras pessoas em regiões distantes. Neste contexto eles se tornam multiplicadores de DST/AIDS.

Observou-se uma preocupação com o relato de possuir parceiras fixas, mas o uso de preservativos está comprometido para todos os tipos de relações, independentemente do tipo de parceiro.

Os resultados obtidos poderão contribuir para o conhecimento de outros grupos de caminhoneiros, independentemente dos seus locais de trabalho ou residência, além de fornecerem subsídios para a formulação de instrumentais que venham a facilitar a investigação detalhada de características consideradas relevantes que possam ter surgido no presente estudo, com o intuito de buscar maiores reflexões e conheci-

mentos sobre este grupo de trabalhadores da estrada, visando à mobilização e participação das entidades de classe sobre a necessidade de informação aos caminhoneiros em relação ao HIV/AIDS.

Os esforços para aumentar o uso do preservativo na população-alvo devem apoiar as mulheres para negociar o seu uso, enfatizar os perigos do uso de álcool e outras drogas por sexo e abordar a percepção de que os preservativos interferem com o prazer sexual.

Sugere-se uma mobilização de profissionais presentes no dia-a-dia dos caminhoneiros, enfatizando a compreensão da informação sobre estas patologias por esta classe de trabalhadores.

REFERÊNCIAS

- BOTROS, B. A. et al. HIV infection and associated risk factors among long-distance truck drivers travelling through Azerbaijan. *Int J STD AIDS*, v. 20, n. 7, p. 477-482, jul. 2009.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico**, São Paulo, ano XV, n. 2, mar. 2002.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Vírais. **Dados do Brasil 2010** Disponível em: <www.aids.gov.br/sites/default/files/publicacao/2010/folder_aids_2010_pdf_55624.pdf> Acesso em: 20 jul. 2011.
- BRITO, A. M. de; CASTILHO, E. A. de; SZWARCOWALD, C. L. AIDS e infecção pelo HIV no Brasil: uma epidemia multifacetada. *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*, v. 34, n. 2, p. 207-217, mar./abr. 2000.
- DUARTE, C. S. Os cuidados preventivos como medida de controle da infecção do HIV/AIDS. *Revista Conversas Interdisciplinares*, v. 1, n. 1, 2008.
- FERRAZ, E. A.; SOUZA, C. T. de; SOUZA, L. M. de. **Caminhoneiros: parcerias do asfalto - conhecimento, atitudes e práticas sobre o HIV/Aids em Uberlândia**. Rio de Janeiro, RJ: BEMFAM, 2005. 288 p.

MASSON, V. A.; MONTEIRO, M. I. Vulnerabilidade a doenças sexualmente transmissíveis/AIDS e uso de drogas psicoativas por caminhoneiros. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 63, n. 1, fev. 2010.

Recebido em: 06 maio 2012.

Aceito em: 24 maio 2012.

NASCIMENTO, E.; BUENO, S. M. V.; LOPES, E. C. Projeto caminhoneiros conscientizando para prevenção da AIDS. **DST- J bras Doenças Sex Transm**, v. 13, n. 6, p. 4-7, 2001.

NASCIMENTO, E. **Desenvolvimento de pesquisa-ação com caminhoneiros de estrada**: trabalhando na problematização as questões voltadas a sexualidade, DTS/AIDS e drogas. 2003. Tese (Doutorado em Enfermagem Psiquiátrica) Universidade de São Paulo – USP, Programa de Pós Graduação em Enfermagem Psiquiátrica, Ribeirão Preto, 2003.

PAIVA, V. et. al. **Uso de Preservativos**: Pesquisa Nacional MS / IBOPE 2003. [S.I.]: Ministério da Saúde, jan. 2003. Disponível em: < http://www.aids.gov.br/sites/default/files/artigo_preservativo.pdf>. Acesso em: 2011

ROCHA, E. M. da; BATISTA, E. S.; PERSCH, F. C. **Caracterização sócioeconômica e cultural de caminhoneiros de estradas freqüentadores do Auto Posto Machado em Cacoal - RO**. 2008. 15f. Monografia (Conclusão de Curso) – Faculdade de Ciências Biomédicas de Cacoal - FACIMED, Cacoal – RO.

TELES, A. S. et al. Comportamentos de risco para doenças sexualmente transmissíveis em caminhoneiros no Brasil. **Rev Panam Salud Publica**, v. 24, n. 1, p. 25-30, 2008.

VILLARINHO, L. et al. Caminhoneiros de rota curta e sua vulnerabilidade ao HIV. **Revista Saúde Pública**, v. 36, n. 4, Suppl., p. 61-67, 2002.

WEINSTOCK, H. S. et. al. Hearst NFactors associated with condom use in a high-risk heterosexual population. **Sex Transm Dis.**, v. 20, n. 1, p. 14-20, fev. 1993.